

Dora
Morelenbaum
lança disco solo



PÁGINA 3

'Interestelar', de
Chris Nolan, volta
ao circuito



PÁGINA 6

Ancestralidade
feminina e
sertaneja no palco



PÁGINA 8

2º CADERNO

Paço Imperial recebe, a partir desta quarta, exposição do único artista vivo que integrou o Grupo Frente, criado há 70 anos por expoentes do movimento construtivo



Divulgação

pelo público, grande parte delas criadas no período em que o artista integrou o Grupo Frente, fundado por Ivan Serpa (1923-1973) em 1954 e que teve a participação de importantes nomes, como Abraham Palatnik (1928-2020), Aluísio Carvão (1920-2001), Hélio Oiticica (1937-1980), Lygia Clark (1920-1988), Lygia Pape (1927-2004), Franz Weissmann (1911-2005), Rubem Ludolf (1932-2010), entre outros.

Também farão parte da exposição obras recentes, apresentando ao público um panorama da trajetória do artista. "O Grupo Frente foi definitivo, um momento importante que levou a nossa geração, pelas mãos do Ivan Serpa, que era

Frente a frente com César Oiticica

Único artista vivo do Grupo Frente – importante movimento artístico criado há exatos 70 anos no Rio e considerado o marco do movimento construtivo no Brasil –, César Oiticica inaugura, nesta quarta-feira (13), no Paço Imperial, a exposição "Frente a Frente".

Com curadoria de Paulo Venancio Filho, serão apresentadas 20 obras inéditas ou que estão há muito tempo sem serem vistas



César Oiticica: 'Todos aqueles artistas jovens estavam ali, sem saber, revolucionando um olhar para a arte brasileira'

um intelectual, um mestre, um visionário, a trilhar o caminho, a ter um entendimento artístico diferente. Ele abriu as portas para uma visão lúdica, abstrata, moderna, transformadora. Foi um momento fundamental para mim, para todos aqueles artistas jovens que estavam ali, revolucionando, sem saber, um olhar para a arte brasileira, e especialmente para o Hélio", afirma César Oiticica, artista, arquiteto e diretor do Projeto Instituto Hélio Oiticica, dedicado à preservação e divulgação da obra de seu irmão.

Continua na página seguinte

Obras históricas e recentes dialogam na exposição

Divulgação



Os trabalhos históricos – desenhos e cartões – foram produzidos entre 1954 e 1956, no período em que o artista fez parte do Grupo Frente, no qual ingressou com apenas 16 anos, sendo o mais jovem integrante do coletivo.

“Nos seus desenhos a superfície é organizada em sucessivos planos de cor, em perfeita sincronia com obras de seus colegas do Grupo, artistas já experimentados. Ali já estão presentes as motivações, diríamos hoje clássicas, dos primórdios da abstração geométrica entre nós; a exploração planar das relações entre forma e cor, rigorosas sequências, repetições e contraposições manifestando uma livre polirritmia estrutural”, afirma o curador Paulo Venancio Filho.

César participou da 2ª e da 4ª exposição do Grupo Frente e da 1ª exposição de Arte Concreta no MAM Rio, em 1955. “Nos seus desenhos e cartões, sentimos o clima de uma época e a decidida intenção construtiva de um jovem no primeiro momento de sua trajetória; a livre estruturação das articulações, combinações e relações formais que caracterizava a abstração geométrica do Grupo, antecipando o neoconcretismo”, diz o curador.

O artista participou, ainda, das últimas exposições do Grupo, que ocorrem em 1956, em Resende e em Volta Redonda, e da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, organizada pelos concretos de São Paulo com a colaboração do grupo carioca, em dezembro



Para o curador Paulo Venancio Filho, tanto nos trabalhos históricos quanto nos recentes de César Oiticica, encontram-se as explorações plásticas neoconcretas, o seu momento histórico e os desenvolvimentos ulteriores

de 1956 no MAM São Paulo e em fevereiro de 1957 no Ministério da Educação e Cultura (MEC) no Rio. Após a mostra, o Grupo Frente começa a se desintegrar. Dois anos depois, alguns de seus integrantes iriam se reunir no Movimento Neoconcreto, um dos mais importantes da arte moderna brasileira.

A exposição também trará relevos espaciais recentes do artista. Essas obras são estruturas tridimensionais geométricas, monocromáticas, com tons solares, como amarelos,

vermelhos e laranjas, que se desenvolvem no espaço. Eles foram criados a partir de 2015, quando César Oiticica retomou seu trabalho artístico, após quase 50 anos trabalhando como arquiteto em Manaus, onde dirigiu a Companhia de Habitação do Amazonas (COHAB-AM), e também dedicando-se ao Projeto Hélio Oiticica, associação sem fins lucrativos criada em 1981, após a morte de seu irmão, com o objetivo de preservar, estudar e divulgar a obra do artista.

“Sessenta anos mais tarde, observamos um salto. É de se pensar e analisar como uma pulsão artística permanece viva, capaz de retornar intacta depois de longa interrupção. Intacta, mas transformada, pois percebemos nos relevos de Cesar Oiticica, realizados a partir de 2015, uma espécie de eclosão do espaço bidimensional impulsionada pela cor, tal é a energia cromática insubmissa quanto à forma, exigindo uma expansão e desdobramento no espaço - são relevos que se expandem como o disparo de uma mola”, diz Paulo Venancio Filho sobre os trabalhos recentes.

“Tantas décadas depois de sua participação no Grupo Frente é uma determinação preservada que irrompe nessas obras tridimensionais dando um salto no tempo para se reencontrar com as de seus contemporâneos nos últimos momentos do neoconcretismo”, ressalta.

As obras históricas e recentes dialogam na exposição, apresentando um completo panorama da trajetória do artista. “Tanto nos trabalhos históricos quanto nos recentes, encontramos explorações plásticas neoconcretas, o seu momento histórico e os desenvolvimentos ulteriores”, afirma o curador Paulo Venancio Filho.

SERVIÇO

FRENTE E FRENTE

Paço Imperial (Praça XV, 48)
Até 2/2/2025, de terça a domingo e feriados (12h às 18h)| Entrada franca

'Essa dualidade dá a cara do disco'

Dora Morelenbaum equilibra 'Pique', primeiro álbum solo, entre o coração e o tesão

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

A sensualidade elegante, o calor "cool" que dá o tom de "Pique", primeiro álbum solo de Dora Morelenbaum, aparece já na faixa de abertura, a balada jazzy "Não Vou Te Esquecer".

Essa atmosfera vai se desenrolando, ganhando camadas ao longo das faixas seguintes, até chegar na última, "Nem Te Procurar". Com alguns segundos de audição, percebe-se que a canção é a mesma do início do disco, mas com outro nome e outro "mood", num arranjo de disco music.

"Não vou te esquecer, nem te procurar", diz o refrão de onde foram tirados os nomes das duas faixas - o que diferencia o espírito delas é a parte da frase que o eu-lírico enfatiza. A repetição da canção é motivada pelo desejo de pôr na rua os dois arranjos que ela e a banda, ao lado da produtora Ana Frango Elétrico, tinham desenvolvido, sem precisar optar por um ou outro. Mas Dora explica que há mais do que o álbum que se revela aí.

"Essa dualidade dá a cara do disco", diz a cantora, que assina a coprodução do álbum. "A gente gostava muito das duas versões, e aí num ensaio a gente se deu conta de que elas falam de lados diferentes do disco."

É uma boa forma de entender "Pique" e sua musicalidade que se equilibra entre coração e tesão. "A balada contém tesão também, né? Mas, enfim, são tesões diferentes", diz Dora.

"Não Vou Te Esquecer"/ "Nem Te Procurar" foi a primeira parceria que Dora escreveu com Tom Veloso. "Ainda antes de 'Dó a Dó', que também escrevemos juntos", diz a cantora, referindo-se à música que lançou em 2020.

A canção foi também a primeira a entrar



Divulgação

Dora Morelenbaum vê sua geração com uma curiosidade musical e artística sobre seus colegas, sobretudo em como ocupar o mercado da música

em "Pique", quando ela começou a imaginar o disco, ainda durante a gravação do álbum "Sim Sim Sim", do Bala Desejo - que ela integra ao lado de Julia Mestre, Lucas Nunes e Zé Ibarra.

"Já tinha algumas músicas que eu tinha guardadas, mas que não entraram no primeiro EP ['Vento de Beirada', de 2021] porque não faziam parte daquele universo. E não entraram no Bala também porque eu achava que não tinham a ver com aquele projeto", afirma Dora.

Assim que um álbum começou a se desenhar em sua cabeça, ela pensou em Ana Frango Elétrico para produzir. "Eu tinha gravado em seu segundo álbum, ela também coproduziu o disco do Bala. Ela estava presente, próxima", diz Dora. "Mais do que isso, pensei nela a partir das referências que eu imaginava para esse disco."

De início, Gal Costa - especialmente a do "Legal", de 1970 - era uma referência central. Ao longo do processo, porém, Dora foi caminhando em outras direções que se mostram de maneira mais evidente em "Pique".

"Algo mais R&B, jazz, soul. Tirando um pouco essa roupa de MPB, que é um monte de coisa e não é nada. Que não é a Gal, porque ela não é MPB, é outra coisa. Eu também não sou", diz a cantora. "Enfim, essas primeiras referências tinham um tanto de rock brasileiro, tropicalista, mas depois pensei em PJ Morton, Erykah Badu, Kali Uchis, Thundercat. E daqui do Brasil coisas menos tropicalistas, como Cassiano."

Para construir essa sonoridade, Dora e Ana reuniram uma base de artistas nos quais técnica e inventividade caminham lado a lado. São eles Sérgio Machado, na bateria, Alberto Continentino, no baixo, Luiz Otávio, nos teclados, e Guilherme Lirio, na guitarra.

Diogo Gomes e a própria Dora assinam arranjos de sopros, executados por ele, no trompete, Marlon Sette, no trombone, e Jorge Continentino, no clarinete. A faixa-título tem Aline Gonçalves na flauta e no clarinete, e Janaína Porto no corne inglês. Dora assina ainda arranjos de cordas, um deles com seu pai, Jaques Morelenbaum. O percussionista Marcelo Costa marca pre-

sença em cinco faixas.

"Meu lance com a música vem muito de um lugar do belo. A música brasileira tem muito isso. A gente preza muito pela beleza, a estrutura harmônica, melódica. Tem uma coisa muito perfeita. E foi justamente isso que eu comecei a questionar. Eu acho que a beleza mesmo é ruidosa também. Falei: 'Quero que contenha ruído nessa beleza'", afirma Dora, dando uma chave de entendimento para "Pique", numa conversa na qual cita criadores como Billie Eilish e Tyler, The Creator.

Além de parcerias com Tom Veloso - além de "Não Vou Te Esquecer"/ "Nem Te Procurar", há outras três e uma que o compositor assina sozinho -, Dora gravou duas músicas que fez com Zé Ibarra e duas outras só suas, além de uma de Sophia Chablau. Josyara participa do disco, além de seus colegas de Bala Desejo.

"Me parece que agora tem esse reconhecimento dessa geração sobre si mesma, da minha galera em relação às galeras para além da gente, os grupos se cruzando", diz Dora. "Tem uma vontade de se fortalecer como cena, mas ao mesmo tempo reconhecendo que são várias caixas muito diferentes."

Dora vê que sua geração tem uma curiosidade musical e artística sobre seus colegas, mas acredita também que eles estão irmanados na investigação de entender como ocupar o mercado da música hoje. "É um mercado estranho, porque ou você está na crista da onda mainstream ou consegue, às vezes, tocar numa casa para cem pessoas. É um gap muito grande."

"Esse lance do mercado sempre virar um assunto é muito sintomático e horrível, mas ao mesmo tempo é real. A gente vive nesse mundo muito doido em que esse mercado nem é um mercado de música, é um mercado de dinheiro no qual a música está tentando se sustentar", afirma a cantora. "Os festivais não são festivais de música, são festivais de marcas, né? Eu tenho sempre esse cuidado de lembrar o motivo pelo qual estou aqui, que é a música."

Outro assunto que sempre chega a Dora é o fato de ela fazer parte do grupo de músicos de sua geração que carregam no sobrenome uma linhagem da MPB - em seu caso, ela é filha do maestro Jaques e da cantora Paula Morelenbaum.

"É muito estranho essa coisa provinciana de conhecer o nome das famílias existir até hoje numa cidade como o Rio. Ao mesmo tempo, superentendo que exista", diz a artista. "Essa semana recebi uma mensagem incrível no Instagram: 'Eu te odeio, Dora. Mas eu te amo porque você apesar de ser cis, branca, privilegiada, nepobaby, você é incrível, então a gente vai ter que te aturar'. É fã e hater."

CORREIO CULTURAL

Divulgação



O longa é estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello

'Ainda Estou Aqui' lidera bilheteria nacional na 1ª semana

Lançado nos cinemas brasileiros na última quinta-feira (7), "Ainda Estou Aqui" estreou na liderança da bilheteria nacional. O longa de Walter Salles levou 358 mil pessoas às salas de cinema, e arrecadou R\$ 8,6 milhões em seu primeiro fim de semana em cartaz.

Os dados são da Comscore, empresa americana, e con-

templam o intervalo entre os dias 7 e 10 de novembro. Baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, "Ainda Estou Aqui" acompanha a história de Eunice Paiva, papel de Fernanda Torres, mulher que se tornou advogada e lutou pelo reconhecimento de óbito de seu marido, Rubens Paiva, durante o período da ditadura militar.

Mais cinemas

Essa é para comemorar! O Brasil atingiu neste mês o maior número de salas de cinema em funcionamento dos últimos dez anos - ou desde que a Agência Nacional do Cinema, a Ancine, começou a fazer essa medição, em 2014.

Mais cinemas III

Há dez anos, eram 2.755 salas, número que foi aumentando até atingir o pico, há cinco anos, e depois cair de maneira brusca com a chegada da pandemia. Em 2020, foram registradas somente 1.487 salas, contra 3.268 no ano seguinte.

Mais cinemas II

Os dados que registram o recorde foram publicados no site do órgão regulador do audiovisual brasileiro no último dia 1º. Agora, o país conta com 3.481 salas de cinema ativas, três a mais que o recorde anterior, de 3.478, em 2019.

Mais cinemas IV

Agora, após crescimento gradual nos últimos anos, o parque exibidor supera os números que possuía antes do fechamento em massa das salas na pandemia. O estado que tem mais telonas em operação é São Paulo, com 1,1 mil.



O novo espaço cultural da cidade promete atrações inclusivas e de acolhimento

Onde é tudo junto e misturado

Cidade ganha nesta quarta seu mais novo espaço cultural, o Mistura Gente

Nesta quarta-feira (13), Dia Mundial da Gentileza, o Espaço Cultural Mistura Gente abre as portas no coração do Centro do Rio, para receber pessoas e expressões artísticas de diversos segmentos. Localizado na Rua da Alfândega 50, o espaço nasce com o compromisso de ser um local de convivência e performance de arte para todos os públicos.

A inauguração acontece às 18h, com uma programação especial com apresentações de música, teatro, dança e vídeo, refletindo a diversidade de atividades que o Mistura Gente oferecerá ao longo de sua trajetória. Toda a programação do espaço — des-

de oficinas até apresentações — será gratuita ou a preços populares, com o objetivo de tornar a arte e a cultura acessíveis a todos.

Além das atividades artísticas, a Casa conta com um café cultural para o público interagir, uma livraria dedicada a lançamentos de livros, e salas multiuso para cursos, oficinas, palestras, teatro, música, dança, cinema, exposições e outras atividades relacionadas à arte e à cultura.

A iniciativa faz parte do projeto Reviver Cultural, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano Econômico da Prefeitura do Rio de Janeiro, e é gerido por Rômulo Rodrigues e Romero Monteiro, da Prama Comunicação, junto com Jesse Andarilho e Li Fernan-

des, do Instituto Marginow, que também terá sua sede no local.

"Escolhemos o Dia Mundial da Gentileza para abrir as portas, uma data que simboliza o propósito deste lugar: um lugar para sermos gentis, um espaço de inclusão e interação, onde as pessoas possam conviver e criar juntas," afirma Rômulo Rodrigues, um dos gestores do Mistura Gente. "Aqui, queremos misturar pessoas de todas as origens, idades e perspectivas," diz Romero Monteiro.

Com um ambiente inclusivo e vibrante, o Espaço Cultural Mistura Gente será mais do que um local para a arte, será um ponto de encontro onde a troca cultural, o respeito, a gentileza estarão sempre em primeiro lugar. "Preparamos um ambiente acolhedor e acessível, onde pessoas de todas as idades, origens e condições sociais possam se encontrar para criar e compartilhar arte", destaca Rômulo.

SERVIÇO

ESPAÇO CULTURAL MISTURA GENTE
Rua da Alfândega, 50
Abertura: 134/11, às 18h
Entrada franca

FESTIVAL
VARILUX
DE CINEMA
FRANÇAIS
2024

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Encrenças amorosas envolvendo trocas de parceiros, términos repentinos, indecisões e até a visita de um fantasma tornam “Três Amigas” (“Trois Amies”) um deleite para as plateias do 15º Festival Varilux, a maior maratona francófona das telas brasileiras, que terá um novo encontro com essa produção dirigida por Emmanuel Mouret nesta sexta-feira. A sessão será às 18h, no Cinesystem Botafogo.

Uma trinca luminosa de estrelas - Camille Cottin, India Hair e Sara Forestier - garante ao realizador a deixa para falar sobre sororidade, e também sobre as confusões do Cupido, numa produção indicada ao Leão de Ouro do Festival de Veneza. Num enredo de ciranda afetiva, Joan (Hair) não está mais apaixonada por Victor (o ótimo Vincent Macaigne) e sofre por se sentir desonesta com ele. Alice (papel de Cottin) a tranquiliza: ela mesma não sente paixão por seu benquerer Eric (Grégoire Ludig), mas o relacionamento deles está indo maravilhosamente bem apesar disso.

Ela não sabe que ele está tendo um caso com Rebecca (Forestier), sua amiga em comum. Essas histórias não de virar de cabeça para baixo, sobretudo depois de uma trágica virada na rotina de Victor. O inusitado é a marca desse roteiro, assim como é o ingrediente central da obra de Mouret. Nascido há 54 anos em Marselha, ele vem sendo comparado a François Truffaut (cronista romântico por trás de “A Mulher do Lado”) com sua estética.

“A moral nos prende a uma forma padronizada de querer e de expressar o sentimento, ainda que



Divulgação

A aposta recorrente em narrativas leves, mas agrídoces, sobre conflitos do querer angariam elogios da crítica - e fãs - para o diretor Emmanuel Mouret como no recente ‘Três Amigas’

Cupido é moleque travesso

Badalado no Varilux com ‘Três Amigas’, indicado ao Leão de Ouro, Emmanuel Mouret ganha prestígio - e fãs - alimentando a tradição do filme de amor, seja pelo riso, seja pelo pranto

o cinema, em especial o francês, tenha aberto uma discussão histórica sobre os modos de gostar. Existem diretores cinéfilos que buscam reproduzir na tela aquilo que eles viram de melhor, e há cineastas como eu, que exploram a liberdade, que buscam a surpresa, que investigam os espaços a seu redor, ainda que o façam sob a luz do que viram antes nas telas”, disse Mouret ao CORREIO DA MANHÃ, no fórum Rendez-vous Avec Le Cinéma Français. “Existe um gênero, o ‘filme de amor’, que já passou por

Woody Allen, por Truffaut, mas que ainda tem o que dizer”.

Há uma década, Mouret tomou as salas do Brasil de assalto com o doloroso “Um Novo Dueto” (indicado ao Leopardo de Ouro de Locarno, em 2013), ao debater impedimentos na paixão de personagens vividos por Virginie Ledoyen e Joey Starr. Antes já havia alcançado críticas cheias de elogio com “A Arte de Amara” (2011). Ambos se apoiam na tese de que amar funciona como um analgésico para as dores do mundo. Voltou a tratar disso



no badalado drama “Les Choses Qu’On Dit, Les Choses Qu’On Fait” (2020), Aqui traduzido como “Amores Infieis”. Sua narrativa mostra o encontro inesperado entre dois jovens que se apaixonam, mesmo ela já estando envolvida com um outro homem, de quem está grávida. Em 2021, o longa reinou nas indicações ao César, o Oscar à francesa, entregue desde 1976 pela Académie des Arts et Techniques du Cinéma, nos mesmos moldes da Academia de Hollywood. Mouret brigou por esse troféu em várias

frentes.

“Se existe um eixo comum nos meus filmes, e ele não é consciente, é a opção por pessoas que apesar de conhecer o medo da solidão, escolhe viver”, disse o cineasta.

Esse temor do qual fala mobiliza várias sequências de “Três Amigas” e impulsiona a trama de um de seus maiores sucessos: “Crônica de uma Relação Passageira”, exibido no Varilux de 2023. No sapatinho, sem fazer alarde, essa comédia romântica virou cult no âmbito dos afetos. Nasceu na mostra Cannes Première de 2022 e passou por aqui na Mostra de São Paulo do ano retrasado. “Chronique d’une Liaison Passagère” (seu título original) vendeu cerca de 320 mil ingressos em solo francês. O que ele arranca de Sandrine Kiberlain e do já citado Vincent Macaigne evoca Meg Ryan e Tom Hanks em longas como “Mensagem Pra Você” (1998).

Macaigne virou seu ator assinatura. Barbudinho, taquicárdico, sem prumo em suas incertezas e falador, ele encarna o obstetra Simón, a quem transforma num ímã de gargalhadas. A gente ri de nervoso com as inseguranças dele ao conjugar o verbo “eu quero”. Na trama, ele, casado e pai, passa a arrastar um caminhão por uma mulher empoderada, mãe solteira e cheia de certezas chamada Charlotte, interpretada pela campeã de bilheteria Kiberlain. Durante a sessão do longa em Cannes, o Palais des Festivals vinha abaixo de rir com os dois. Sua dramaturgia se estrutura sobre um acordo que os dois travam para transarem sem culpa: vai ser passageiro. Deveria. Mas, não é. E a delicadeza com que Mouret, à direção, explora o modo nada barthesiano com que o discurso amoroso se fragmenta é envolvente.

“Existem códigos da arte que levamos para o dia a dia de nossas relações. A maneira como o cinema afetou a realidade consciente que vivemos me faz pensar que não há apenas sexo envolvido na aproximação entre duas pessoas, há um sentimento de pertença, existe um carinho”, defende o cineasta. “A maneira que eu tenho para expressar essa relação é pelo lirismo, que pode ser triste, sem perder seu vigor”.

Um cult de volta às telas brasileiras

Com 'Interestelar', Christopher Nolan ampliou o prestígio como diretor e desbravou fronteiras estéticas e políticas para a ficção científica

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar de todo o sucesso de "Oppenheimer", com seus sete Oscars e bilheteria de US\$ 975 milhões, há quem ainda considere "Interestelar" ("Interstellar", 2014) a obra-prima de seu realizador, o inglês Christopher Nolan, o que soa legítimo neste momento em que o filme celebra os dez anos de sua estreia. De segunda até quarta-feira, a Rede Cinemark no Rio devolvem à tela grande essa superprodução de US\$ 165 milhões.

Seu faturamento nas bilheterias chegou a US\$ 675 milhões e que, de quebra, a fita papou um merecido Oscar de efeitos visuais. O filme virou livro pelas mãos do escritor Greg Keyes, que adaptou o roteiro dessa cultuada sci-fi, escrito por Christopher com seu irmão mais novo, Jonathan Nolan. A edição no Brasil é da Gryphus.

"Cresci numa casa de classe média baixa da Inglaterra num momento em que a literatura era a única forma de driblarmos as inquietações sociais que nos cercavam, libertando nossa imaginação. Mas quando eu tinha 7 anos, em 1978, meu pai me levou no maior cinema de Londres pra ver '2001 – Uma Odisseia No Espaço', numa sessão que comemorava os dez anos do lançamento do clássico de Stanley Kubrick. Saí da sessão com a certeza de que o cinema é capaz de tudo", disse Nolan em Cannes, numa masterclass sobre preservação de longas feitos em película, em 2018, quando abriu seu coração.

Dois elementos guiam a dramaturgia cinematográfica de Nolan em geral: culpa e necessidade de controle. Há uma mistura covalente de ambos no combustível afetivo que alimenta os motores de "Interestelar". Matthew McConaughey, seu protagonista, tem uma atuação luminosa no papel de um astronauta em busca de um planeta capaz de abrigar a população da Terra, em um futuro assolado por poeira e fome. Ronaldo Júlio dublou Matthew por aqui.



Divulgação

'Interestelar' volta às telas do Rio em sessões nas salas da rede Cinemark

Na bifurcação de elementos essenciais à grafia do realizador, o primeiro a se apresentar como argamassa onipresente na obra de Nolan foi a culpa. E tal onipresença, somada a um enorme talento para esculpir mágoas e ressentimentos, tem feito dele um realizador autoral. De "Amnésia" (2000) ao onírico "A Origem" (2010), passando pelo subestimado "Insônia" (2002) e por toda a trilogia "Batman" (2005-2012), é caro a ele o desejo de transitar por um limite de dívida moral.

Há em seus personagens a sequela de um erro que os impele a ações eticamente duvidosas. "Eu venho de uma escola noir, por conta do interesse do gênero nos conflitos sociais e nas ambiguidades que eles geram no dia a dia", disse Nolan em seu colóquio em Cannes, em 2018. "O noir é uma derivação policial do melodrama, que entra em cena, nas telas, para qualificar situações de sentimentos extremos. Por isso, meus personagens se revelam por suas ações mais extremadas. Por isso, eu respeito as paixões que brotam da dimensão sensorial da imagem. No cinema que eu faço, a música tem um papel crucial:

a trilha funciona como um relógio que dita o ritmo dos acontecimentos".

Do lado esquerdo do ringue de sua invenção, aparece a necessidade atávica do controle em seus heróis, os mascarados e os de cara limpa. Do investigador tatuado e amnésico vivido por Guy Pearce em "Memento" ao Homem-Morcego com a fleuma galesa de Christian Bale, os personagens centrais da obra de Nolan são movidos por uma onipotência que fazem deles os senhores da certeza. O agente encarnado por John David Washington no sublime "Tenet" (2020) não era capaz de duvidar dos códigos da Física diante da retidão de sua cruzada justiceira, e se atropelava nas leis de aceleração. Todos os personagens de Nolan acreditam ter pleno domínio da engenhoca chamada mundo no microcosmos onde vivem.

Não é diferente com Cooper, fazendeiro (ex-piloto e futuro explorador do espaço) interpretado por um McConaughey com um visual à la Jeffrey Hunter (galã e grande ator dos anos 1950 e 60) e à la Steve Canyon (herói das HQs de Milton Caniff). A se-

melhança com Canyon é mais óbvia e vem dos traços apolíneos classicistas no visual do astro, oscarizado por "O Clube de Compras Dallas" (2013). A referência à Hunter vem, não apenas pela proximidade física de ambos, mas pelo fato de ele, Jeffrey, estar no longa que mais se assemelha à história contada por Nolan, numa abordagem fordiana. Sua matriz é o John Ford sublime de "Rastros de Ódio" ("The Searchers", 1956), no qual J. Hunter coadjuvava John Wayne.

Apesar da fantasia de ficção científica que veste, "Interestelar" é um faroeste cósmico. Um faroeste metafísico. Um banguê-banguê sem tiros (mas com cenas de perigo com adrenalina fora das CNTPs toleráveis). É a saga da conquista de um novo Oeste, empreendida por um herói culpado (por abandonar os filhos) e obcecado em controlar as situações (de perigo à sua volta). O Oeste à sua frente não é feito de planícies verdejantes, mas sim de substâncias aquosas ou rochosas que Mendeleev não categorizou em sua Tabela Periódica (aquela decorada no 2º grau do ensino médio).

O Oeste de Nolan é a imensidão inóspita de um Império em fase de crescimento (e também de povoamento), como era o Império EUA na ótica de John Ford. Assim como ele temperava seus faroestes de crítica, Nolan apimenta este western intergaláctico com um espírito de alarmismo ao iniciar a trama mostrando a Terra de Cooper como um lugar que despreza o passado. Os feitos dos astronautas são desmentidos pelo governo. Uma crise malthusiana na produção de alimentos leva as autoridades a forçarem aspirantes a universitários e mesmo engenheiros gabaritados a viverem como fazendeiros, plantando quiabo, trigo e milho. Mas uma massa de pó decorrente de cataclismos ecológicos anda erodindo os solos férteis e devastando as colheitas. Resta ao ex-piloto buscar alternativas de lavouras.

Num esforço para interpretar uma série de estranhos sinais localizadores, Cooper acaba se deparando com uma base da Nasa, secreta, onde um cientista, o professor Brand (Michael Caine, sempre sublime), e sua filha Amelia (Anne Hathaway), buscam planos Bs e Cs e Ds para o alvorecer da raça humana. O plano de Brand é encontrar um novo lar para os humanos. Este lar estaria numa dimensão paralela a ser encontrada na transposição de fendas galácticas. Amelia vai atrás dessas hipóteses de salvação, mas precisa do reforço de um piloto experiente. Eis que o talento de Cooper se faz presente. É aí que o heroísmo do longa se faz notar e faz preservar sua atualidade – e seu esplendor – uma década depois de seu lançamento.

ENTREVISTA / AFFONSO GONÇALVES, MONTADOR

'Tenho prazer em experimentar'



Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Enfurnado na ilha de edição do esperado "The Bride", de Maggie Gyllenhaal, em Nova York, Affonso Gonçalves passa em revista, num papo com o Correio da Manhã, o processo de colaboração com Walter Salles naquele que virou o "filme do momento" no Brasil: "Ainda Estou Aqui".

Foi ele quem montou o longa-metragem, um sucesso de público baseado no romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva sobre a luta da advogada e ativista Eunice Paiva (mãe do escritor) contra a tortura nos tempos da ditadura militar.

Na trama, Eunice (papel de Fernanda Torres) luta para descobrir o paradeiro do marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello), que desaparece depois de ser levado para prestar

depoimento por agentes à paisana do governo de farda.

Ao formar sua equipe criativa para contar essa história de resiliência, Walter trouxe Affonso de Los Angeles. Esse bamba da montagem tem produções indicadas ao Oscar em seu currículo (como os cults "Inverno da Alma", "Indomável Sonhadora" e "Segredos de um Escândalo") e virou o editor oficial de três medalhões do cinema independente dos EUA: Jim Jarmusch ("Paterson"), Todd Haynes ("Carol") e Ira Sachs ("O Amor É Estranho"). Acaba de trabalhar com Sachs novamente, no recém-finalizado "Peter Hujar's Day".

Aos 56 anos, Affonso, nascido em São Paulo, vive nos Estados Unidos desde 1994 e estudou na London Film School, com mestrado no American Film Institute. Montou cerca de 50 títulos desde a década de 1990. Na entrevista a seguir, ele explica a simbiose de olhares que teve com Walter.

O que um montador com um currículo repleto de parcerias com alguns dos maiores talentos do cinema indie estrangeiro encontra de potência na troca com Walter Salles?

Affonso Gonçalves: Era um sonho meu trabalhar com Walter desde que me estabeleci em Los Angeles, e a gente se entendeu muito bem. Eu comecei a edição em LA e vim montar "Ainda Estou Aqui" como ele aí no Rio. Muito ligado nos detalhes, Walter dá muita atenção ao trabalho dos atores.

O que o filme te revelou sobre os bastidores da ditadura no Brasil?

Tem uma sequência em que Eunice diz para Martha (professora vivida por Carla Ribas) "Eu estou em perigo", e ela responde: "Todos estamos". Eu era muito pequeno ali naquele período histórico retratado pelo Walter, mas o que eu vejo,

a partir do filme, é uma época de muita censura, por vezes até uma censura velada.

O que um montador pode adicionar de pessoal num processo de criação como o de "Ainda Estou Aqui" e como funciona, em geral, o trabalho de editar?

Um montador reage às imagens que chegam e funciona como se fosse a primeira audiência delas, escolhendo as melhores para ajudar a/o cineasta a lapidar o filme da melhor forma. No caso do Walter, a minha preocupação era dar tempo ao espectador para conhecer aquela família bem, convivendo com eles o bastante para sentir a falta de Rubens quando ele desaparece.

Qual foi a lição mais importante sobre cinema independente que aprendeu com Todd Haynes, Jim Jarmusch e Ira Sachs?

Tenho cerca de uma década que trabalho com eles e as conversas são

muito profundas já no roteiro. Em um filme de estúdio, cineastas precisam responder a alguém e não costumam ter o corte final, exceto se forem figuras muito grandes como Spielberg. No cinema independente, os/as cineastas podem fazer o que querem, pois são projetos mais pessoais. O Jarmusch, por exemplo, com quem eu acabo de fazer "Father, Mother, Sister, Brother", já injeta uma certa métrica às imagens rodando o filme. Eu gosto de trabalhar com essa turma indie porque tenho prazer em experimentar, em buscar um tempo diferente para a imagem.

Você já havia editado produções brasileiras antes?

Eu participei de "Pacificado" (única produção nacional a ganhar a Concha de Ouro no Festival de San Sebastián, lançado em 2019), mas já havia uma montagem, e ajudei a Petra Costa no documentário "Democracia em Vertigem".

Existe alguma montagem histórica do cinema brasileira que te inspira?

Um montador histórico que é referência para mim é o Eduardo Escorel, por "Terra Em Transe" e pelos outros filmes do Glauber Rocha que ele montou. Tem também "Ônibus 174", montado pelo Felipe Lacerda, que eu admiro muito, e "Cidade de Deus", que Daniel Rezende montou. Esses dois também são grandes referências.

Neste momento de apogeu da cultura dos streaming, há alguma mudança na arte de editar imposta pelas plataformas?

O processo é o mesmo. Na televisão, o que muda é a questão do tamanho. Um filme independente pode ter o tempo que o cineasta quiser. Pode ter três horas ou mais. Na TV, o tempo do episódio é fechado, tem limite. É uma hora... ou uns 50 minutos. Não passa disso.

Terminando "The Bride", qual será seu próximo filme?

Vou trabalhar com a diretora Chloé Zhao, de "Nomadland".

Ancestralidade feminina (e sertaneja) em cena

Marcelo Paes de Carvalho/Divulgação

Lendas e crenças populares do sertão cearense inspiram o espetáculo 'Touro{Bull}'

Concebido inicialmente como um concerto de sapateado, "Touro{Bull}", é uma peça coreográfica que tem como tema a ancestralidade feminina na cultura do sertão do Cariri Cearense. O espetáculo entra em sua última semana no Mezanino do Sesc Copacabana.

A obra transita por diversos ritmos brasileiros, como o maracatu, o samba, o baião, e com toques de orixás. Sua trilha sonora original dialoga com os batuques dos pés da atriz, dançarina e coreógrafa Valéria Pinheiro, que se inspirou nas "pisadas" e "trupés" dos brincantes e das manifestações culturais locais.

"O conteúdo é basicamente sobre a guerreira, a força da mulher sertaneja, a forma como ela se reinventa, se reconstrói e exerce de forma brilhante e harmoniosa essa resiliência. É isso sobre o que o Touro fala. É busca por sobrevivência acima de tudo, e no final do dia, a busca pela alegria. Somos brincantes", explica Valéria.

"Touro{Bull}" é inspirado na sabedoria ancestral das mulheres do Cariri: um touro que gera, nutre e celebra a vida. As principais referências são as memórias de Valéria, atriz, dançarina e coreógrafa nascida em Juazeiro do Norte (CE) e criada com mestras e mestres populares.

No sincretismo religioso brasi-



“É sobre a guerreira, a força da mulher sertaneja, a forma como ela se reinventa, se reconstrói e exerce de forma brilhante e harmoniosa essa resiliência”

Valéria Pinheiro

leiro, a figura do touro está ligada à mitologia do orixá Iansã, orixá que rege a artista, uma performer de 65 anos, com prótese total no quadril direito, que reinventa sua maneira de existir: dançando, sapateando, cantando e trocando alegria em diversos territórios. "O que me inspira neste espetáculo são os meus ancestrais, as guerreiras que de alguma forma digerem e testam a casa, a família e força feminina", completa Valéria.

O carro de boi é o principal elemento cênico, uma carroça com duas rodas grandes, sustentada e puxada por um ou dois bois. Durante dois séculos, o carro de boi foi o principal meio de comunicação e transporte do Cariri para o mundo. O tambor é outro objeto de cena.

Ao tocá-lo, a personagem entra em contato com sua ancestralidade. Enquanto os tambores se comunicam com o imaterial, o carro de boi se comunica com o material.

No figurino, um patchwork de tecidos e aviamentos foi pensado para revelar uma mistura de referências simbólicas, como uma armadura medieval de Joana D'Arc, com virtude e coragem, honra e força e o vermelho de Iansã. Na maquiagem são usadas referências indígenas (urucum), mouros (pontos pretos) e do candomblé.

Já as muletas são uma escolha poética para reforçar a memória e a história da atriz/dançarina/coreógrafa que possui uma prótese total no quadril, que para se resignificar, precisou implantar, tal qual uma ciborgue, ferramentas em seu corpo. E a mesma coisa acontece com a personagem, que se fere e se reconstrói.

Hoje genuinamente cearense, a Cia Vatá foi fundada em 1994,

no Rio, por Valéria. Desde 2000 ancorada no Ceará, ela é uma das companhias brasileiras com representatividade internacional, que apresenta essa mistura entre a cultura tradicional brasileira e a dança contemporânea. A linguagem mestra da Cia Vatá são os ritmos brasileiros e é a partir dessa técnica que a Cia expande o comportamento do corpo acoplando outras linguagens, unindo a música, a dança, o teatro, o circo e a folia.

SERVIÇO

TOURO{BULL}

Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) Até 17/11, de quinta a domingo (20h30)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)